

Alçamento da Vogal Pretônica /o/ em Duas Regiões Paranaenses

RAISING OF THE PRETONIC VOWEL /o/ IN TWO PARANAENSE REGIONS

Dircel Aparecida **KAILER***

Resumo: Neste estudo, à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista Quantitativa, analisamos o uso da vogal pretônica /o/ no falar de 32 informantes, do sexo feminino e do sexo masculino, referentes a duas regiões paranaenses, com o objetivo de identificar as variáveis que atuam favorecendo o uso alçado ou a manutenção dessa vogal. Conforme os resultados, verificamos que os contextos linguísticos são determinantes no alçamento ([u]) ou na manutenção ([o]) dessa vogal. Dentre as variáveis linguísticas as mais relevantes para a aplicação do alçamento foram: a) as vogais altas da sílaba seguinte a da vogal pretônica ([o]); b) a vogal média pretônica em contexto de hiato. Quanto às variáveis sociais, sexo, faixa etária e escolaridade, foram pouco significantes, todavia, pudemos verificar que as mulheres, os mais escolarizados, e os informantes com idade intermediária tendem a alçar menos que os homens, os jovens, os mais idosos, os analfabetos.

Palavras-Chave: Vogal pretônica /o/. Alçamento. Variáveis linguísticas. Variáveis extralinguísticas.

Abstract: In this study following the theoretical presuppositions of the Quantitative Variacionist Sociolinguistics, we analyse the behaviour of the mid pretonic /o/ in the talk of thirty-two informants (females and males sex) referent to two paranaense Linguistic regions, our goals is identify the variables that act in the raising or in the maintenance of this vowel. According to the results of the quantitative analysis, we verified that raising ([u]) or the maintenance ([o]) of the mid pretonic vowel [o] is determined by linguistic

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Araraquara (2008). Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina. Contato: dikailer@hotmail.com.

context, for example, when the immediate next syllable has the vowels [u], when the dependent variable is followed by a vowel. As for social variables sex, age and scholarship, we observed that they have less significance. In spite of, that we could verify that the women, the informants with high level of education and the middle age use more the mid vowel [o]. While the men, the informants with lower education level and the youngest, the oldest use more the high vowel [u] .

Key-words: Pretonic vowel /o/. Raising. Linguistic variables. Extralinguistic variables.

Considerações Iniciais

O uso das pretônicas /e/ e /o/ constituem um dos traços linguísticos que diferenciam os falares regionais brasileiros. Antenor Nascentes (1922) já fazia menção ao abaixamento ([ɛ, ɔ]) e à elevação ([i, u]) dessas vogais como fenômenos caracterizadores de regiões dialetais em nosso país. Depois dele muitos estudos (MOTA, 1979; BISOL, 1981; SILVA, 1989; SCHWINDT, 1997; KAILER, 2004 entre outros) continuam investigando as áreas de predominância dessas variantes, bem como os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem o uso de uma ou de outra variante do [e] e do [o].

Com metas semelhantes a dos trabalhos referidos, o presente estudo também objetiva identificar as variáveis linguísticas e sociais que possam propiciar a manutenção ([o]) ou o alçamento ([u]) da pretônica média posterior arredondada ([o]) nestas duas regiões. Analisamos, portanto, a variação do [o] pretônico como nos vocábulos: [gɔɾ'dura ~ guɾ'duɾa, kõ'padre ~ kũ'padre, ko'mew ~ ku'mew] no falar de trinta e seis informantes de duas cidades paranaenses da Região Oeste (Foz do Iguaçu) e Sudoeste (Pato Branco). Levamos em consideração, nesta análise, os fatores extralinguísticos (distribuição diatópica, sexo, faixa etária, escolaridade) e os contextos linguísticos subjacentes às variantes do [o] (ponto e modo de articulação nos contextos fônicos precedente e seguinte, vogal da sílaba seguinte, atonicidade). Tais contextos foram analisados e selecionados ou descartados pelo programa GOLDVARB (*for Windows*, 2001), uma versão do Pacote VARBRUL 2s de Rousseau e Sankoff elaborado em 1978 (PINTZUK, 1988), ao qual submetemos os dados transcritos e codificados

conforme as variáveis dependentes e independentes analisadas. Todavia, apresentamos os contextos que foram considerados pelo programa como mais relevantes para aplicação da regra de alçamento da pretônica [o].

Nossa pesquisa constitui-se, portanto, de dois *corpora*. Um, com dados levantados em 2006 e 2007 (*corpus 2*), com 3.737 ocorrências da média pretônica posterior arredondada [o], sendo 2.972 da posterior arredondada [o] e 765 da posterior alta arredondada [u]. O outro (*corpus 1*)¹, faz parte dos dados levantados pelo ALPR (1994), do qual retiramos as quatro entrevistas realizadas em Pato Branco (1989) e em Foz do Iguaçu (1988). Como eram quatro informantes, o número de ocorrências deste primeiro *corpus* foi reduzido (876). Destas, 313 ocorrências são da pretônica posterior, 101 da vogal alta [u] e 212 da pretônica [o]. Assim sendo, cotejamos os resultados atuais com esses anteriores, como uma forma de controlar a variação das pretônicas e não com a pretensão de considerá-los dois *corpora* semelhantes.

Após o recorte, essas ocorrências foram transcritas grafemática e foneticamente² e codificadas de acordo com os contextos linguísticos e extralinguísticos previamente estipulados, seguindo os pressupostos teóricos metodológicos da Teoria Sociolinguística Laboviana. Apresentamos primeiramente os contextos adjacentes, ponto de articulação, precedente e seguinte, o contexto de vogal seguinte, atonicidade e por último as variáveis sociais sexo, escolaridade, faixa etária e região.

¹ Os primeiros dados, usados como grupo de controle, fazem parte do Arquivo Sonoro Inédito (AGUILERA, 1994).

² Optamos pela transcrição fonética ampla, a qual, segundo Silva (2001, p. 36), “explicita apenas os aspectos que não são condicionados por contexto ou características específicas da língua ou dialeto”. Conforme ela exemplifica com “[kilo] (transcrição fonética ampla), em oposição a [¹ k^hil^wu]”, que recebeu uma transcrição fonética restrita.

Contexto Precedente – Ponto de articulação

Quadro 1 – Contexto fônico precedente – Ponto de articulação

Contexto Precedente –	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 a 2007		
	Apl. / Total	P.R .	%	Apl. / Total	P.R .	%
Início de palavra	0/11	-	0%	0 /156	-	0%
Bilabial	14 / 50	0,447	28	192 / 732	0,633	26
Labiodental	3 / 6	0,675	50	33 / 202	0,550	16
Palatal	7 / 13	0,708	53	76 /177	0,796	42
Linguodental	3 / 27	0,207	11	95 / 497	0,404	19
Linguoalveolar	11 / 43	0,417	25	67 /506	0,421	14
Vibrante alveolar	0/1	-	0	0/15	-	0
Velar	63 / 162	0,570	38	291/1335	0,524	21
Precedido de vogal	0 / 1	-	0	11 /117	0,224	9

Conforme o quadro 1, verificamos que o contexto início de palavras (0%) continua inibindo o alçamento, pois nos dois *corpora* não apresenta variação. Em Kailer (2004), que também investigou o [o] pretônico em trinta regiões paranaenses com dados do ALPR (1994), apenas a palavra [#ospitaw ~ #uspitaw] apresentou alçamento (0,039), ou seja, a manutenção do [o], que neste contexto era muito frequente, apresenta-se nesses *corpora* como categórica.

De acordo com os resultados do quadro, as labiodentais (0,550) demonstram ser neutras quanto à aplicação da regra de alçamento. Observando detalhadamente os dados, verificamos que, diferentemente do que ocorreu em Kailer (2004), (0,821), nestes *corpora* o alçamento ocorreu apenas no verbo [vomi'taɾ] e suas flexões, na palavra [foɾ'miga] e em uma realização da palavra [fo'gãw̃]. Nos demais casos, elas não foram favoráveis, ou seja, os alçamentos, com exceção desta lexia, tinham sempre uma vogal alta na sílaba seguinte. Já as bilabiais, que Kailer (2004) aponta como pouco favorável (0,300), nos dados do *corpus* 1 apresentam pouco favorecimento (0,447), mas nos dados do *corpus* 2 apresentam-se como o segundo grupo mais favorável (0,633) ([bo'neka, po'dʒia]).

É preciso ressaltar, no entanto, que as bilabiais [b,p] apresentam-se mais favoráveis do que a bilabial [m], pois esta apresentou alçamento apenas quando ocorre vogal alta nas flexões verbais. Já em vocábulos como [mo'lɛɾɐ, mo'xɛɾ, mo'raɾ (e suas flexões), moto'rɪstɐ] entre outras, por exemplo, nunca se verificam alçamentos. Observamos que nos dados do *corpus* 1, a lexia [kamo'mila], não se realiza de forma alçada, ao contrário do que observamos nos dados do *corpus* 2, pois das 35 ocorrências dessa palavra apenas 6 não acontecem com a vogal alta [u].

As linguodentais atingiram peso relativo (0,404) no *corpus* 2 e 0,207 no *corpus* 1, em vocábulos como [do'ẽsa, do'mĩɣo] o que representa um resultado de pouco favorecimento. Se considerarmos a atonicidade de [o], vemos que, em se tratando de casuais, não apresentou alçamento em vocábulos, como [dʒɪɾɛto'ɾɪɐ, tõ'tura]. Já a variável sem *status* definido apresentou mais vocábulos com a pretônica [u] devido ao verbo [doɾ'miɾ, to'siɾ] e suas outras conjugações, que geralmente realizaram-se com a pretônica alçada ([u]).

Acreditamos que a linguodental poderia ser mais desfavorável se não fossem as ocorrências em que a variável dependente ([o]) realiza-se em contextos muito favoráveis ao alçamento, como o de ser seguida por uma vogal ([do'ẽsa, to'aʎa]), ou então, quando ela vem sucedida por uma vogal alta em sílaba seguinte, como, por exemplo, o vocábulo [no'tʃɪsɪɐ], entre outras realizações.

Diante dessa hipótese, retiramos estes contextos e examinamos o comportamento das linguodentais, sem a presença das vogais altas em sílaba seguinte e sem o contexto seguido de vogal. Verificamos, com isso, que as

linguodentais [t,d] formam contextos bastante desfavoráveis, apresentando probabilidade de alçamento de 0,358, ou seja, muito próximo do resultado do *corpus 1* (0,207).

As linguoalveolares, com probabilidade 0,417 para o *corpus 1* e 0,421 para o *corpus 2*, permanecem neste interstício de tempo como contexto desfavorável ao alçamento, principalmente quando se trata da vibrante[r], como ocorreu na fala de quatro informantes de Pato Branco ([rɔdo'via, roli'mã]) ou mesmo no caso do tepe [r] em vocábulo como [ro'tʃina] na fala de um informante de Pato Branco no *corpus 2* e [ro'saðu] no *corpus 1* da mesma cidade, ou [trovõ'ado], em que dificilmente o [o] antepretônico apresenta alçamento.

Situação semelhante apresenta o [s], pois, nos dados do *corpus 1*, apresentou alçamento apenas em vocábulos que tivessem vogal alta na sílaba seguinte, com exceção da lexia [su'vako] que se realizou como [su'vaka] na fala da informante de Foz do Iguaçu. Observamos no *corpus 2* que a atuação desse ambiente continua parecido, visto que ocorreu alçamento apenas em duas lexias que não tinham vogal alta na sílaba seguinte [sose'gado, so'take]. É interessante ressaltar que alveolar sibilante [s], mais a vogal alta na sílaba seguinte, está influenciando positivamente na aplicação da regra de alçamento, visto que houve muitos casos, no *corpus 2*, de [sulɪ'tarya, sulu'sãðu, susi'aw, sufistʃi'kadu]. Estes dois últimos também ocorreram no *corpus 1*, no entanto, não apresentaram alçamento.

Por fim, verificamos que a última das linguoalveolares [l], em ocorrências de lexias como [lɔ'briɣa, lɔbi'zɔmẽỹ], apresenta-se favorável ao alçamento, embora também haja uma vogal alta na sílaba seguinte. Todavia, nos casos de vogal não alta seguinte, as lexias em que o [o] é precedido por uma alveolar líquida [l] não apresentam alçamento ([lɔ'kaw]). Diante disso, vemos o porquê de tão baixo peso relativo, pois estas consoantes apresentam-se favoráveis ao alçamento geralmente em contextos de vogal alta de sílaba seguinte, ou quando o [o] é seguido por uma vogal.

Enfim, tais resultados confirmam o fato de as alveolares serem articuladas com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique levantada. Isso faz com que tenham tendências a não alçar as pretônicas, visto que não têm pontos semelhantes com os das vogais altas (BISOL, 1981).

As velares, com probabilidade de 0,570 (*corpus 1*) e 0,524 (*corpus 2*), constituem um ambiente neutro para a aplicação da regra de alçamento do

[o] pretônico, nos dados do *corpus 2* tivemos os casos de [ko'λɛɾ, koto'velu, koleste'rɔw, go'ɛla, ko'ɛgyu], já os demais casos apresentavam vogal alta na sílaba seguinte, como [goɾ'dura, ko'zĩɲa, kostu'ra, ko'ruza]. Esta consoante, juntamente com o contexto vogal alta na sílaba seguinte, torna-se ambiente favorável de alçamento (0,587) no *corpus 2*³.

Apesar da aparente neutralidade das velares, a consoante [k] consolida-se como favorecedora do alçamento, quando a vemos alçando o [o] pretônico em vocábulos como [kõ'ɲeso, koto'velo, ko'madre, kõ'padre, kõ'fɔɾme], contextos que não apresentam vogal alta e nem são seguidos por vogal, os dois ambientes mais propiciadores de alçamento. Além disso, nos dois últimos exemplos temos [õ] nasal, contexto também desfavorecedor do alçamento.

A velar [g], por sua vez, apresentou alçamento no *corpus 2* apenas nos casos em que a vogal seguinte era alta, nos demais manteve a média [o]. Já a velar [x] mostrou-se inibidora de alçamento, pois em todas as realizações manteve a altura da vogal pretônica [o], até mesmo na lexia [xo'lisu], em que esperávamos que ocorresse o alçamento, devido a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte. Sendo assim, nossos resultados mais uma vez confirmam os de Kailer (2004) de que as velares [x,g] por si só não são contextos propiciadores de alçamento.

A palatal, com probabilidade de 0,796 para o *corpus 2* e 0,707 para o *corpus 1*, apresenta-se tanto nos dados do *corpus* atual como no de 1988-1989 como a consoante precedente mais favorável ao alçamento [ʃo'raɾ, ʃo'veĩdu]. Entretanto podemos notar que, nos casos em que ocorre alçamento, o [o] é seguido de uma vogal, contexto quase categórico no favorecimento do alçamento, o que veremos quando tratarmos do contexto seguinte, ou seguido por uma vogal alta. Todavia, ao analisar o comportamento da palatal sem os contextos favoráveis vogal alta e seguido de vogal, não apresentou nenhum alçamento nos *corpora* analisados. Ou seja, seu favorecimento está condicionado a esses outros dois ambientes.

³ No *corpus 1*, como diminuíram muitas ocorrências devido às exclusões, restando apenas 79 realizações, pensamos que os valores apresentados pelo programa poderiam não ser confiáveis.

Contexto Seguinte – Ponto de articulação

Este contexto é, junto com o contexto precedente e vogal da sílaba seguinte, o mais referenciado pelos autores variacionistas aqui citados, com poder para alterar a altura da vogal pretônica.

Pelo Quadro 2, podemos observar, apesar da pouca ocorrência de dados do *corpus* 1, que os contextos não alteraram muito suas influências quanto ao favorecimento à aplicação da regra de alçamento, pois as bilabiais de (0,618) passam para (0,597), ou seja, praticamente apresentaram a mesma ação positiva quanto ao uso alçado da pretônica [o] ([vo¹mitu, lobi¹zomẽỹ, sobrá¹seɫa, ko¹beɾta, ko¹mesa, kõ¹prido]).

É interessante observar que, no último exemplo ([kõ¹prido ~ kũ¹pridu]), ocorrência do *corpus* 1, o falante não considera que, ao alçar o [o], a palavra muda de significado, diferentemente do que acontece com [pes¹kaɾ ~ pis¹kaɾ, pes¹kado ~ pis¹kadu], contexto em que nunca ocorre alçamento (PONTES; KAILER, 2001).

Quadro 2 – Contexto fônico seguinte

Contexto seguinte	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 - 2007		
	Apl. / total	P. R.	%	Apl. / total	P. R.	%
Bilabial	32 /67	0,618	47	188/ 711	0,597	26
Labiodental	2 /19	0,243	10	33/362	0,407	9
Linguoalveolar	15 /67	0,427	22	252 /1396	0,395	18
Linguodental	3 /35	0,163	8	85/ 433	0,448	19
Velar	1 /35	0,117	2	31 / 283	0,377	10
Palatal	30 /68	0,730	44	46 /331	0,708	13
Hiato	18 /22	0,959	81	121 / 192	0,896	63

As labiodentais ([so'vako, pro'fũdo]), que atingem a probabilidade de 0,243, de pouco favorecimento, passam para 0,407, próximo da neutralidade. Mesmo o número de dados do primeiro *corpus* sendo muito restrito, permite observar que as duas porcentagens são muito próximas.

Fizemos uma análise, separadamente, dos róticos [ɾ,r,r] e percebemos que seus comportamentos eram parecidos com os das alveolares, por isso as amalgamamos. Das 217 ocorrências de [o] seguido de retroflexos no *corpus* 2, apenas 18 apresentaram alçamento; das 32 ocorrências dessa pretônica seguida de vibrantes, apenas 8 apresentaram alçamento. É interessante verificarmos as lexias que apresentaram alçamento nestes contextos: [goɾ'dura, doɾ'mi, foɾ'miga, poɾtu'ges]. Esta última apresentou alçamento apenas na fala de uma informante com Ensino Superior. Os alçamentos do [o] seguido de vibrantes foram realizados na fala de 4 informantes de Pato Branco (dois homens e duas mulheres, um dos homens e uma das mulheres são analfabetos e um homem e uma mulher possuem o Ensino Fundamental incompleto). Já em relação ao *corpus* 1, das 6 ocorrências da pretônica [o] seguida de retroflexo [ɾ], nenhuma realizou-se com alçamento da pretônica. É importante destacar que até mesmo a lexia [doɾ'miɾ] nunca ocorre com a pretônica alçada no *corpus* 1. Constatamos, a partir dos exemplos, que as consoantes [ɾ,ɾ,r] em trava silábica constituem um ambiente desfavorável ao alçamento.

As demais alveolares, com probabilidade de 0,427 para o *corpus* 1 e de 0,395 para o *corpus* 2, em vocábulos como [bo'lita, koste'leta, kozĩ'naɾ], assemelham-se às de Kailer (2004), (0,435). Apesar de serem pouco desfavoráveis nestes contextos, inibem o alçamento em alguns vocábulos como [ko'seyra, ko'lɛga, ãho'ladu, fo'lĩna, ho'lĩna]. Kailer (2004) aponta a alveolar [l] como um contexto inibidor de alçamento. Acreditamos que tal comportamento não mudou muito, pois, com exceção de [ko'lɛzyu] e [kolestɛ'rɔw], que ocorreram com a vogal [o] alçada uma vez na fala de dois informantes jovens, um de Pato Branco e outro de Foz do Iguaçu respectivamente, as demais lexias [bo'lita, kolĩ'bri, so'luso] apresentam vogal alta na sílaba seguinte, contexto propiciador de alçamento, como já mencionamos.

Esse comportamento desfavorável das alveolares ao alçamento justifica-se devido à lei do menor esforço, o fato de a alveolar ter uma articulação bastante diferenciada da posterior [u] diminui as chances de ela favorecer tal realização (SCHWINDT, 1997).

Quanto às linguodentais, consideradas por Schwindt (1997) como favoráveis ao alçamento da posterior, em nosso estudo, de acordo o Quadro 2, constatamos que no *corpus 2* elas se apresentam próximas à neutralidade (0,448), e no *corpus 1* revelam-se muito desfavoráveis (0,163).

Observamos que o alçamento encontrado na presença desses fonemas deve-se apenas às condições apresentadas em alguns vocábulos e suas flexões, como vogal alta em sílaba seguinte ([po'dʒia, eskō'dʒia, po'triko]). No *corpus 2*, entretanto, constatamos que o valor próximo à neutralidade se deve a algumas ocorrências de [awgo'dãw̃] e [so'take] na fala de informantes de Foz do Iguaçu, a primeira na fala de uma jovem com segundo grau e a segunda na de uma informante com ensino superior.

Quanto à velar, com probabilidade de 0,117 para o *corpus 1* e de 0,377 para o *corpus 2*, ela apresenta um resultado que a aponta, em contexto seguinte, como um fonema que de quase inibidor do alçamento, aproxima-se da neutralidade, ou seja, proporcionando a manutenção da média posterior [o], como podemos comprovamos nestes exemplos [#oko'xeu, kogu'melɯ, so'ka, fo'gãw̃], entre outros. Desta última lexia ([fo'gãw̃]), tivemos 53 ocorrências e um único alçamento na fala de uma informante de Foz do Iguaçu com ensino superior.

As palatais com valores de 0,730 para o *corpus 1* e de 0,708 para o *corpus 2*, por sua vez, em contexto seguinte, apresentam-se como o contexto mais favorável ao alçamento nos dois *corpora*. Porém esse favorecimento está condicionado à vogal [o] com atonicidade permanente, pois, se a pretônica for um átona casual, não haverá alçamento, visto que nas 14 ocorrências do *corpus 2* e nas 2 ocorrências do *corpus 1* não houve nenhum caso em que o [o] alçasse, como nos exemplo a seguir: [kaʃo'xãw̃, kãno'teru, ko'leta, fo'laʒe, fo'lĩɲa], entre outros. O mesmo ocorre com as pretônicas sem *status* definido: [po'ɲava, so'ɲãɯ, ko'le, so'ɲo], porque em 16 ocorrências no *corpus 1* e em 12 no *corpus 2* não houve um alçamento.

Os valores de 0,730 para o *corpus 1* e de 0,708 para o *corpus 2* devem-se às permanentes, como nos exemplos a seguir: [ko'ɲesu (e suas flexões), koʃo'niɯ, ko'leɾ, bo'ʃeʃa, ko'lya]. Observamos que a atuação da palatal torna-se mais favorável quando aliada à velar [k], à bilabial [b] e à vogal alta em sílaba seguinte. Ressaltamos que, nos casos em que há palatalização como [ko'leɾ ~ kuɣ'e] e [ko'lya ~ ku'ia], sempre há o alçamento, porém nos casos de [o'lado] isso não ocorre. Ou seja, as vogais altas seguinte perdem força no caso de contexto inicial.

Por último, em relação à variável contexto seguinte, temos o fator seguido de vogal, no qual descartamos da análise quantitativa os casos de ditongos ([ow'tubro, goy'aba]), analisamos, porém o [o] pretônico que formava hiato e, devido ao alçamento, tornou-se um ditongo como [kwa'doɹ ~ kwa'doɹ].

O alçamento, quando o [o] pretônico forma hiato, era comum já no latim vulgar. Segundo Silva (1989), esse fenômeno está documentado desde o *Appendix Probi* e foi registrado por Lião (1576), Pereyra (1666) e Sousa (1804). Em sua gramática portuguesa, este último autor diz o seguinte:

As letras que mais se confundem são o E com I, e o O com U, principalmente quando são seguidas de alguma voz aguda, como por exemplo nos Verbos Cear e Moer, pode duvidar-se das primeiras vogais e se deve escrever antes Ciar e Muer [...] (SOUZA, 1804, p. 236 apud SILVA, 1989, p. 245).

Verificada cada ocorrência, observamos que, das 52 de [ʒo'eɫo], 35 alçaram; das 28 de [do'ẽsa], 13 alçaram; das 38 ocorrências de [ʒo'ãw̃], 36 alçaram; das 52 de [a] em [trovo'ada], 23 alçaram. No *corpus* 1, tivemos 11 ocorrências de [a], sendo 4 de ['ʒuãw̃] e 7 de [a] em [kwa'doɹ, ku'adoɹ, trovu'ada, tro'vwada, ẽʒu'ada] e todas apresentaram alçamento. Já as de [e] foram 5, e houve 3 alçamentos em [ʒu'eɫo, 'ʒueyʊ] e [bu'eiro]. Por fim, 4 seguidas de [i], em [mu'ĩno] e [mu'ido], todas com alçamento. Nossos exemplos corroboram a afirmação de Silva (1989), em relação ao falar de Salvador, e as de Kailer (2004) sobre o falar rural paranaense, ou seja, estes vocábulos, que são altamente favoráveis ao alçamento, geralmente apresentam as vogais [a, e] formando hiato com a média posterior e também o [o] seguido por uma vogal tônica. Fica saliente, porém, que o [a] nasalizado favorece mais o alçamento que o [e] nasalizado. Quando o hiato é formado por vogal alta [i], o alçamento é categórico.

Diante disso, podemos dizer que a “Lei de Oliveira” confirma-se em relação à aplicação da regra variável de alçamento em contexto em que [o] e [e] são seguidos de vogal no falar rural paranaense.

Vogal da Sílabla Seguinte

Quadro 3 – Vogal da sílabla seguinte:
harmonização vocálica e homorganicidade

Vogal da sílabla seguinte	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 e 2007		
	Apl / Total	P. R.	%	Apl / Total	P. R.	%
[a]	10 / 70	0,265	14%	28/689	0,143	4%
[ã]	4/17	0,400	23%	46/287	0,327	16%
[e]	37/112	0,516	33 %	94/865	0,357	10%
[ɛ]	4 / 7	0,743	57%	46 /267	0,555	17%
[ẽ]	1 / 9	0,213	11%	14/122	0,149	11 %
[i]	37/53	0,833	69 %	310/677	0,918	45 %
[ĩ]	6 / 10	0,764	60 %	92/252	0,884	36%
[o]	0/14	-	0%	2/ 215	0,073	0%
[õ]	0/9	-	0%	0/19	-	0%
[ɔ]	0/10	-	0%	2/46	0,252	4%
[u]	1/13	0,153	7%	115 /245	0,913	46%
[ũ]	1/3	0,520	33%	13 /33	0,833	39 %

Quanto à vogal baixa central [a], temos a probabilidade de 0,265 para o *corpus* 1 e de 0,143 para o *corpus* 2, em contextos como [trovo'ada, kora'sãw̃]. A vogal [ã] ([sõbrã'seɫa, zo'ãw̃]), com probabilidade de 0,400 nos dados do *corpus* 1 e 0,327 nos dados do *corpus* 2, parece ser um pouco mais favorável ao alçamento do que a vogal [a]. Embora essas vogais sejam os fatores que mais favoreceram o alçamento quando o [o] ocorre em hiato, isso não se confirma nos demais contextos de sílaba seguinte. Fica evidente pelos resultados que não é um contexto propiciador de alçamento, a não ser que forme hiato com a pretônica.

A vogal média [e] tem o resultado de 0,516 no *corpus* 1 e de 0,357 no *corpus* 2, em vocábulos como: [koste'leta], apresentando-se como contexto neutro no *corpus* 1 (0,512) e desfavorável ao alçamento no *corpus* 2 (0,360). A vogal [ɛ] ([bone'zĩno, ku'ɫɛɾ]), com probabilidade de 0,743 no *corpus* 1 e 0,555 no *corpus* 2, apresenta-se como a vogal média mais favorável ao alçamento, visto que a vogal média nasalizada[ẽ] ([do'ẽsa, mo'mẽto, kõ'tẽte, ʃo'vẽdo, ko'mẽdo]) é o contexto de vogal seguinte mais desfavorável ao alçamento do [o], com probabilidade de 0,214 no *corpus* 1 e 0,149 no *corpus* 2.

As médias posteriores [o], [õ] e [ɔ] não apresentam alçamento no *corpus* 1 em nenhuma das ocorrências. A vogal [õ], por sua vez, também não apresenta alçamento no *corpus* 2, nas ocorrências de [ko'lõɲa], por isso também foi eliminada da análise binominal, que não trabalha com regras categóricas, ou seja, os casos que não apresentam variação. As vogais [ɔ] e [o] no *corpus* 2, destacam-se pelo desfavorecimento, pois houve apenas 2 casos de alçamento com essas vogais em contexto seguinte: ([kõ'fõɾme, kõs'trɔy] e [koto'velu, koɾ'to]).

Constatamos que estes resultados são congruentes com os verificados por Kailer (2004), ou seja, apontam para a harmonização vocálica, pois as vogais médias tendem a preservarem-se em presença de outras da mesma altura.

Quanto às vogais altas [i,ĩ,u,ũ], já presumíamos serem fatores propiciadores do alçamento, visto que muitos trabalhos, como, por exemplo, Mota (1979), Bisol (1981), Schwindt (1997), Silva (1989), entre outros, apontam a harmonização vocálica como contexto altamente favorecedor do alçamento. Para Callou, Leite e Coutinho (1991, p. 74), em relação ao [o], o alçamento é “determinado primordialmente por ajustamento ao modo e ponto de articulação da consoante precedente e apenas secundariamente pela altura da

vogal tônica”. Ressaltam, porém, que “a vogal [i] é um condicionador mais provável do que a vogal posterior [u]”.

Nossos resultados, como os da maioria dos autores citados, apontam a vogal alta [i] (com o valor de 0,833 para o *corpus* 1 e de 0,918 para o *corpus* 2) e [ĩ] (probabilidade de 0,764 nos dados do *corpus* 1 e de 0,884 nos dados do *corpus* 2) como as vogais mais favoráveis ao alçamento, em contexto de sílaba seguinte nos dois *corpora*. Verificamos pelos valores que [i] ([bo'nito, vom'i'taɾ]) é mais favorável do que [ĩ] ([do'mĩgo, kozĩ'naɾ]), mas as duas são favoráveis, desde que o [o] não seja uma átona casual. Se o for, não haverá alçamento, como podemos observar em alguns vocábulos: [fo'lĩna, sebo'lĩna, floɾ'zĩna, põ'tʃĩna]. Tal resistência resulta, segundo Bisol (1981), de a atonicidade ter sido adquirida pelo deslocamento do acento, ou seja, mesmo tornando-se uma átona, a vogal preserva a altura da vogal de origem.

O Quadro 3 apresenta valores bastante diferenciados para os dois *corpora*, para a vogal alta posterior [u]: 0,153 (*corpus* 1) e de 0,913 (*corpus* 2). Da mesma maneira que pensamos em relação às demais vogais já apresentadas, acreditamos que o número de ocorrências do *corpus* 1, para as vogais [u,ũ], também é pouco significativo para atribuímos a partir dele a presença de uma mudança de comportamento da pretônica neste contexto. Além disso, Kailer (2004), que estuda trinta regiões, verifica que as vogais [u,ũ] são favoráveis ao alçamento, corroborando nossos resultados do *corpus* 2, que apontam a vogal alta posterior como segundo contexto mais favorável ao alçamento da posterior [o], o que poderíamos atribuir à harmonização vocálica, já mencionada como principal responsável pelo alçamento do [o].

Diferentemente da atuação de [ũ], nos dados do *corpus* 1, que favorecia mais o alçamento, no *corpus* 2 observamos que, embora a diferença seja estreita ([ũ] 0,833 para 0,913 de [u]), a vogal [u] não nasalizada é mais favorável em lexias como [kus'tume, kustu'rado], ou seja, a nasalidade da posterior alta [u] em sílaba seguinte diminui a incidência de alçamento do [o] pretônico. Da mesma forma age a vogal [ĩ] (0,884), em sílaba seguinte, que propicia menos ocorrências de alçamento do [o] pretônico do que a vogal oral [i] (0,918).

Atonicidade

Segundo Bisol (1984, p. 89), a atonicidade é responsável por parte da variação sofrida pelas línguas de origem latina, e as vogais com atonicidade

permanente são mais suscetíveis a variações que as vogais com atonicidade casual.

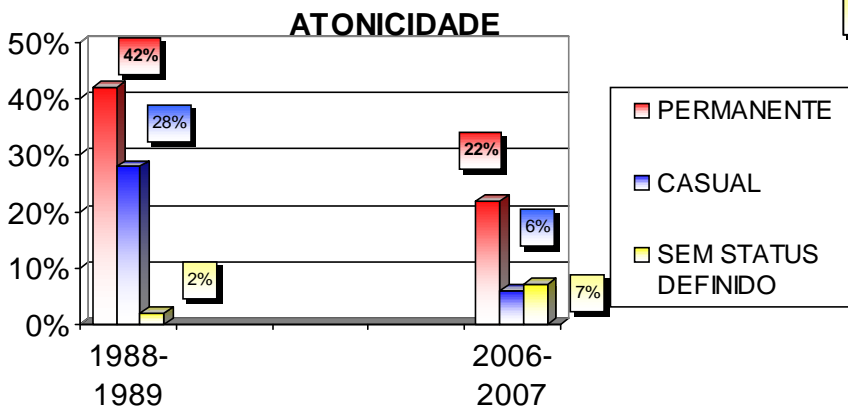


Gráfico 1 – Pretônica /o/ - Atonicidade.

Como os resultados apresentados no Gráfico 1 atestam, as pretônicas com atonicidade casual ([goɾˈdura])(28% no *corpus* 1 e 6 % no *corpus* 2) e as pretônicas sem *status* definido ([poˈdʒia]) (2%no *corpus* 1 e 7 % no *corpus* 2) tendem a manter a altura da vogal da palavra de origem, ou seja, média fechada [o]; já as permanentes ([koˈmadre])(42% no *corpus* 1 e 22% no *corpus* 2) constituem ambiente propício ao alçamento, corroborando a afirmação de Bisol (1984).

Diante desse resultado, buscamos analisar o alçamento do [o]de acordo com cada uma das atonicidades. Todavia só foi possível termos resultados relevantes em relação às permanentes, pois, em se tratando das casuais e das sem *status* definido, tivemos nocautes, o que nos obrigou a eliminar muitos fatores.

Variável Social: Escolaridade

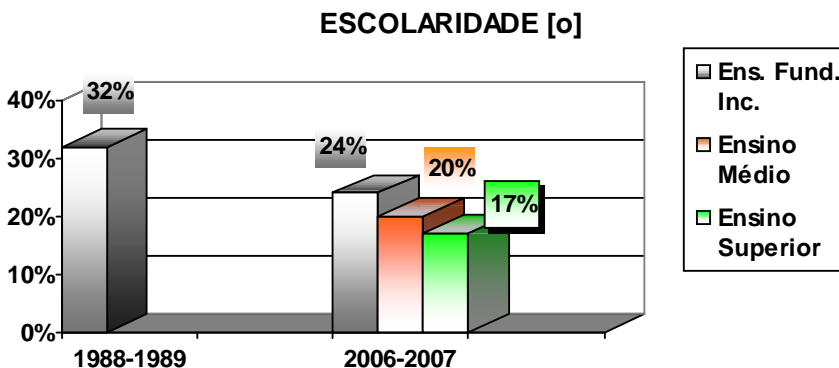


Gráfico 2 – Escolaridade [o]

Observando os resultados do Gráfico 2, verificamos claramente a influência da escolaridade na manutenção da altura da pretônica [o]. Os informantes com pouca escolarização em 1988-1989 são os que apresentam o mais alto índice de alçamento. Nos dados de 2006-2007, apesar de haver um declínio na aplicação da regra em questão, eles também lideram, seguidos dos informantes que possuem o ensino médio. Já os informantes que possuem ensino superior demonstraram ser os mais resistentes ao alçamento.

Variável Social: Faixa Etária e Escolaridade

Verificamos no Gráfico 3 que os mais escolarizados e de meia idade constituem o grupo de maior resistência ao alçamento. Por outro lado, o grupo da mesma idade, com menor escolarização (ensino fundamental e séries iniciais incompletos) são os informantes que mais usam altear a pretônica [o]. O grupo de informantes com ensino médio, por sua vez, apresenta percentual muito próximo aos percentuais revelados na fala dos informantes mais idosos e na fala dos informantes mais jovens e com ensino superior. Sendo assim, vamos confirmando, com estes resultados, a hipótese de que a escolarização parece exercer bastante influência em relação ao uso da pretônica [o], principalmente em relação ao grupo de faixa etária intermediária.

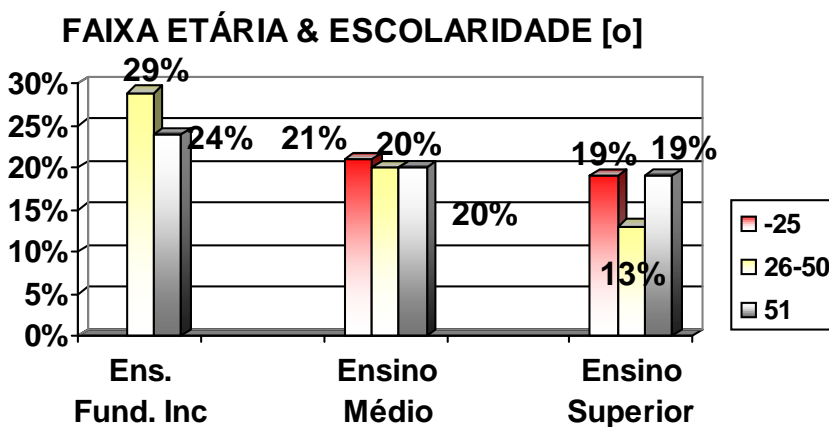


Gráfico 3 – Faixa etária & escolaridade [o]

Variável Social: Escolaridade e Gênero

Segundo Chambers (2001 p. 354), nas comunidades em que a desigualdade social entre homens e mulheres é menos evidente, o comportamento linguístico de ambos tende a ser parecido. É o que parece acontecer com os informantes investigados, pois não há resultados relevantes em relação ao gênero. Conforme os dois gráficos demonstram, o que define mais favorecimento ou mais resistência ao alçamento é a escolarização.

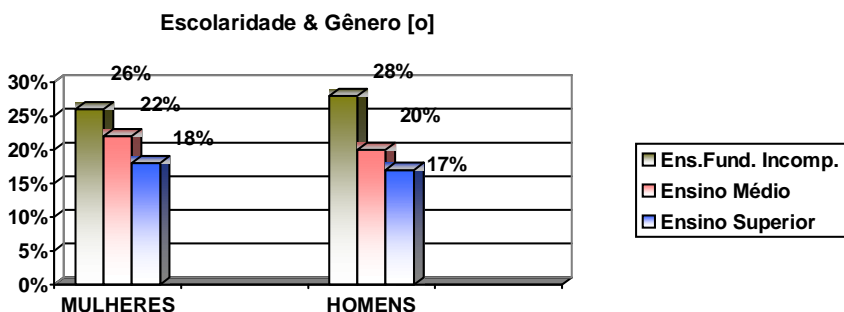


Gráfico 4 – Escolaridade e Gênero [o]

Apesar de o alçamento do [o] aparentemente não ser considerado como uma forma estigmatizada socialmente em nesta variedade linguística, percebemos que o predomínio desse fenômeno ocorre com informantes menos escolarizados, tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino. Apesar de a variável gênero não ter apresentado, por si só, qualquer relevância na aplicação da regra de alçamento, tanto que seu percentual foi de 21% para os homens e para as mulheres, constatamos com esses percentuais que as mulheres menos escolarizadas aplicam menos a regra supramencionada do que os homens com a mesma escolarização, ao contrário das mulheres mais escolarizadas que alçam mais ou se equiparam aos homens do mesmo nível de escolarização, embora a porcentagem não nos autorize a tirar qualquer conclusão.

Variável social: Região

Quadro 4 – Regiões –

Alçamento da vogal pretônica em relação às vogais da sílaba seguinte

Região	Pretônica [o]
Pato Branco - 1988-1989	38%
Foz do Iguaçu – 1988-1989	25%
Pato Branco -2006-2007	20%
Foz do Iguaçu – 2006-2007	20%

Acerca da variável região, observamos, de acordo com Kailer (2004), que o alçamento do [o] é mais produtivo em Pato Branco (38%) e menos em Foz do Iguaçu (25%). Conforme o Quadro 4, verificamos que a aplicação do alçamento recuou nesta década. Pato Branco, que em 1989 apresentou percentuais bastante favoráveis para o [o] (38%) e para o [e] (43%), em 2007 diminui para 20% para o [o]. Foz do Iguaçu, por sua vez, já em 1988 demonstrava mais resistência ao alçamento, apresentando percentual de 25%. Em 2006 regrediu para 20% .

Observamos, por fim, que os resultados nos dizem que nas duas regiões a aplicação da regra de alçamento neste interstício de tempo apresentou o mesmo comportamento de uma regra variável, mas aparentemente em retrocesso, apesar de cada cidade ter se desenvolvido de maneira diferente econômica e socialmente, o que segundo Labov (1994) pode influenciar no falar das comunidades.

Considerações Finais

Conforme a presente análise, constatamos que a vogal posterior [o] continua sendo regida pelos mesmos princípios fonéticos que a regiam há 18 anos. Vogal alta na sílaba seguinte e vogal pretônica [o] seguida por uma vogal são certamente os contextos que mais proporcionam alçamento. As palatais, tanto no contexto precedente quanto no seguinte, foram as consoantes adjacentes que se mantiveram muito favoráveis à aplicação da regra de alçamento, seguidas da velar [k] precedente. A atonicidade do [o] mostrou-se relevante, visto que o contexto de vogal permanente continua agindo positivamente enquanto o casual é praticamente inibidor do alçamento da pretônica.

Os informantes com pouca escolarização em 1988-1989 são os que apresentam o mais alto índice de alçamento da pretônica [o]. Nos dados de 2006-2007, apesar de haver um declínio na aplicação da regra em questão, eles também lideram, seguidos dos informantes que possuem o ensino médio. Já os informantes que possuem ensino superior demonstraram ser os mais resistentes ao alçamento.

Verificamos também que os mais escolarizados e de meia idade constituem o grupo de maior resistência ao alçamento. Por outro lado, o grupo da mesma idade, com menor escolarização (ensino fundamental e séries iniciais incompletos) são os informantes que mais usam altear a pretônica [o]. O grupo de informantes com ensino médio, por sua vez, apresenta percentual muito próximo aos percentuais revelados na fala dos informantes mais idosos e na fala dos informantes mais jovens e com ensino superior. Sendo assim, vamos confirmando, com estes resultados, a hipótese de que a escolarização parece exercer bastante influência em relação ao uso da pretônica [o], principalmente em relação ao grupo de faixa etária intermediária.

Segundo Chambers (2001), nas comunidades em que a desigualdade social entre homens e mulheres é menos evidente, o comportamento linguístico

de ambos tende a ser semelhante. É o que parece acontecer com os informantes investigados, pois não há resultados relevantes em relação ao gênero. Conforme os resultados demonstram, o que define mais favorecimento ou mais resistência ao alçamento é a escolarização e a idade.

Apesar de o alçamento do [o] aparentemente não ser considerado como uma forma estigmatizada socialmente, observamos que o predomínio desse fenômeno ocorre com informantes menos escolarizados, tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino. Embora a variável gênero não tenha apresentado, por si só, qualquer relevância na aplicação da regra de alçamento, tanto que seu percentual foi de 21% para os homens e para as mulheres. Mesmo assim, por meio dos cruzamentos das variáveis sociais, pudemos constatar que as mulheres menos escolarizadas aplicam menos a regra supramencionada do que os homens com a mesma escolarização, ao contrário das mulheres mais escolarizadas que alçam mais ou se equiparam aos homens do mesmo nível de escolarização, embora as porcentagens não nos autorizem a tirar qualquer conclusão.

Temos consciência que este estudo apresenta muitas limitações, seria interessante, por exemplo, analisarmos os estilos de fala do mais formal ao mais informal, por meio dos quais provavelmente obteríamos resultados bastante relevantes, como verificamos quando a informante de Foz do Iguaçu que, ao se envolver na discussão com o marido, produziu mais casos de alçamento.

Além disso, talvez uma análise sob a luz de outras teorias fonológicas, como a Prosódia, por exemplo, pudesse preencher muitas lacunas por nós deixadas.

Referências

AGUILERA, V. A. *Atlas Lingüístico do Paraná*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis. 1990. 2v.

AGUILERA, V. A. *Entrevistas concedidas ao projeto de elaboração do Atlas Lingüístico do Paraná*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1994. 250 cassetes sonoros.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1981. 2v.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 71-78, 1991.

CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. Université du Québec à Montreal, Université de Montréal. *Language*, v. 50, n. 2, p. 333-355, 1974.

CHAMBERS, J. K. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: British Library, 2001.

KAILER, D. A. *O uso do /o/ pretônico no falar rural paranaense*. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2004.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. 3rd ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

MOTA, J. *Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE*. 1979. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1979.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

PINTZUK, S. *Programas Varbrul*. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 1988.

PONTES, I.; KAILER, D. A. Alçamento do [e] pretônico na região oeste-sudoeste do Paraná: uma abordagem geo-variacionista. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 30, 2001. 1 CD-ROM.

SCHWINDT, L. C. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista. *Graphos*, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 55-65, 1997.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*. 1989. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1989.